

Tributo ao brigadeiro Sampaio

Herói nacional que exemplifica a missão de comandar homens livres

*Olidnéri Bello**

RESUMO

O presente artigo aborda alguns ensinamentos retirados da biografia do marechal Osorio. Os conhecimentos apresentados visam à reflexão sobre o significado de comandar — um termo específico do meio militar, mas que, a nosso ver, enquadra-se em toda situação em que alguém está sendo formado e educado sob a responsabilidade de um outro indivíduo. O verbo “comandar” associa-se a “dar ordem” e “mandar”. No entanto, não exclui outras acepções válidas para qualquer situação de construção de aprendizagem, pois, no significado de comandar, está inserido, também, o sentido de confiança no subordinado ou na pessoa que está sendo formada, além de quê, comandar trata de uma disposição conveniente para a execução de alguma coisa. Nesse aspecto, a vida do marechal Osorio traz, ao presente estudo, apontamentos significativos e exemplos que, na linguagem militar, arrastam-nos ao acerto. Conta, o presente artigo, com um tributo, também, ao Brigadeiro Sampaio.

PALAVRAS-CHAVE: Osorio. Comandar. Homens livres. Brigadeiro Sampaio.

Introdução

A história de uma nação é forjada pela boa peleja de seus líderes. Essa história não se exaure ao término de um tempo determinado ou limitado. A perenidade dos grandes feitos passa, com naturalidade, os séculos; assim ocorreu com os grandes poetas, Virgílio, Horácio e Camões, só para citar alguns, e, da mesma forma, com os grandes militares, dentre os quais citamos

Sun Tzu, general chinês autor de *A arte da guerra*; Júlio César, chefe do exército romano, Napoleão Bonaparte, exímio estrategista francês.

No que diz respeito à nossa História, temos, também, os grandes líderes militares. Como forma de consolidar essa História, encontramos, na capital federal do Brasil, entre outros tantos sítios e cenários distribuídos por todo o país, o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, localizado na praça

* Maj QCO (Magistério, Língua Portuguesa; ÉsAEx/96 e ÉsAO/06), graduada em Letras Português/Inglês (UEPG/88), mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ/01) e doutora em Ciências da Educação, Especialidade em Inovação Pedagógica (Universidade da Madeira/15 – ilha da Madeira/Portugal) e professora do Colégio Militar de Fortaleza.

dos Três Poderes; estruturado por meio de uma arquitetura modernista do gênio Oscar Niemeyer, no formato de uma pomba. Talvez esse formato expresse o que mais significativo esses tantos heróis nacionais deixaram como legado ao povo brasileiro, pois a pomba representa paz, harmonia, singeleza, esperança — todos valores caros a cidadãos que zelam por sua pátria.

No interior desse Panteão, está o Livro dos Heróis da Pátria, o Livro de Aço, no qual estão inscritos os nomes de personalidades que, por atos de heroísmo e amor à Nação, marcaram, indelevelmente, a História do Brasil. Entre esses nomes, constam o de Manuel Luis Osorio, o marechal Osorio, e o de Antônio de Sampaio, o brigadeiro Sampaio, ambos grandes heróis, imbatíveis, os quais, reafirmamos, marcaram a História porque deixaram um grande legado ao Exército Brasileiro e à Pátria.

Um pouco da pessoa do marechal Osorio, o marquês do Herval

O fato de marcar a História sugere-nos a prática de ações atreladas a cumprir uma missão na vida e, portanto, uma necessidade comum ao homem. Um cidadão consciente não se deixa passar por alguém descomprometido com sua época e com as causas que norteiam o seu meio. A sabedoria popular afirma que o homem, para cumprir sua missão na terra, deve plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Filhos, Osorio os teve; não sabemos se plantou árvores e, quanto aos livros, temos ciência de que gostava de produzir poemas, os quais, infelizmente, não os lemos nas escolas em que

estudamos. Mas isso não o afasta do inalterável reconhecimento daqueles que sabem reconhecer os grandes vultos da História Nacional.

Entre os homens que atribuíram ao mencionado marechal todo o valor, está Pedro Américo de Figueiredo e Melo, o pintor da *Batalha do Avaí*. Essa tela apresenta toda a dimensão do heroísmo dos grandes militares do país. Com 50 metros quadrados, ela representa a batalha da Guerra do Paraguai, na qual sobressaem o duque de Caxias e o general Osorio, este no momento em que é atingido por um tiro na boca.

Pedro Américo, em carta destinada a Fernando Luis Osorio (filho de Osorio e autor da biografia do marquês do Herval — *História do general Osorio*), destaca as qualidades do grande militar:

Educado na simplicidade do campo e no fervor das batalhas, tinha o herói acerca das belas-artes a alta concepção dos espíritos elevados: nele a intuição supria a ciência. Sou-lhe grato pelas manifestações de apreço com que me distinguiu sempre, e pelo generoso afeto a um artista que deveras o venerava, por uma longa série de motivos da mais alta significação.

Apelidando de homérico àquele vulto histórico, eu não erro decerto: homérico pela sua grandeza quase legendária, e homérico pela generosidade do seu puríssimo caráter. (OSORIO, 1915)

Em meio aos atributos da área afetiva do marechal Osorio, destacamos, em bom tempo, o que não aprendemos na escola e que muito apreciamos, como estudiosa e amante das artes, um pequeno trecho da produção poética de Osorio:

MOTE

Nada do que vejo quero

GLOSA

Mostrou-me a Fortuna abertas
As portas dos seus tesouros;
Mostrou-me palmas e louros;
Fez-me mil milhões de ofertas:

“— Fortuna! tu não acertas,
(Lhe respondo em tom severo)
Os dons que do céu espero
Tu nunca me podes dar;
Torna as portas a fechar;
Nada do que vejo quero.”
(OSORIO, 1915)

E, aos corações enamorados, principalmente dos alunos para quem lecionamos, nada mais encantador que a mensagem contida nas estrofes que seguem:

Só vivo quando te vejo,
Dia e noite penso em ti,
Se nasceste para amar-me,
Eu para te amar nasci.

Ausente dos teus encantos,
Sem teus lindos olhos ver,
Tudo me causa desgosto
Nada me causa prazer.

O tempo curar não pode
As chagas que amor abriu;
Separar só pode a morte
Corações que amor uniu.
(OSORIO, 1915)

Retornando ao cumprimento daquelas tarefas comuns a todos que desejam cumprir funções em suas vidas — plantar árvores, ter um filho e escrever um livro —, a própria História já registrou casos de quem não as cumpriu. Jesus e Sócrates são os exemplos. Mas será que não as cumpriram mesmo?

Na origem de toda árvore, está a semente. É em relação a esse aspecto que lançamos nosso olhar e nossa aprendizagem.

Plantar árvores é deixar frutos para as gerações vindouras, e isso o marechal Osorio fez. Tais frutos depreendem-se do que foi pronunciado pelo referido marechal, em 15 de abril de 1866, no Passo da Pátria: “É fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever”.

Nesse sentido, o colunista e juiz de direito Fábio Henrique Prado de Toledo¹ apresenta uma significativa interpretação. Essa frase do marechal Osorio, a qual se tornou uma referência histórica, merece, a nosso ver, uma reflexão. O estudioso alerta que “todos aqueles que têm a missão de comandar homens livres, pais, professores, governantes, empresários, comandantes militares, líderes sindicais etc.”, devem aprofundar-se no verdadeiro sentido das palavras que compõem essa máxima.

Ao resgarmos os fatos históricos em que a mencionada frase foi proferida pelo marechal Osorio, verificamos que:

Aquela bem escolhida e feliz expressão “homens livres” teve sobre a tropa o efeito de uma eletrização inesperada e irresistível. Os homens, sem distinção de cores ou de raças, abraçaram-se a rir e a chorar, e logo prorromperam em estrondosas aclamações ao seu general. A consequência foi o patriótico decreto de 6 de novembro, que deu liberdade gratuita aos escravos designados para o serviço militar.²

Vê-se, então, que o marechal Osorio era detentor de um caráter regido pela justiça e possuidor de um espírito aberto às causas maiores que sempre estão associadas a situações pontuais.

Exemplos contidos na história da Guerra do Paraguai são inúmeros. Citamos os que mais nos impressionaram.

Sendo coronel do 2º Regimento, foi assistir a um exercício de recrutas, e vendo que o sargento instrutor estava irritado contra um deles, por não poder se pôr firme na fileira, aproximou-se do Sargento e disse-lhe:

— “Tenha paciência, meu camarada; se ele ainda não pode colocar-se firme é porque acaba de largar a enxada para tomar a espada!”. O recruta lançou-lhe um olhar de reconhecimento. Era, com efeito, um simples hortelão. (OSORIO, 1915)

O ponto de destaque nesse contexto era a situação de guerra. Dourado (2009, p. 2) afirma uma verdade sobre a relação entre chefe e comandado, em especial, por tratar-se de um momento bélico.

Diz a autora:

Os chefes militares precisavam contar, a qualquer hora e em qualquer situação, com um grupo de soldados disciplinados e em condições de guerrear, sob um regime férreo, conscientes das graves sanções, de aplicação imediata, a que estariam sujeitos, em caso de descumprimento dos seus regulamentos. (DOURADO, 2009)

No aspecto apontado por Dourado (2009), encontramos a situação peculiar do ato de comandar. A questão sobre disciplina é um dos legados que o marechal Osorio nos deixa. Na decomposição de sua máxima “É fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever”, retiramos três linhas mestras

definidas pelas palavras: comandar, caminho e dever.

A ação de comandar, o caminho e o cumprimento do dever

Para tratarmos do que chamamos de linhas mestras, associamos a mencionada máxima com outra do mesmo militar: “A farda não abafa o cidadão no peito do soldado”. Nesse aspecto, todas as pessoas que possuem como missão formar cidadãos não devem desprezar o indivíduo a quem estão instruindo e educando.

Trevizani³, em sua página na internet, registra: “Quando a emoção e o pensamento amadurecem na razão, prevalece o bom senso”. Comandar, a nosso ver, é promover o caminho mais acertado para que o comandado cumpra uma missão, e isso deve ser estabelecido em qualquer esfera de relação em que haja alguém para ser formado ou para desempenhar um dever.

Cabe a quem tem o papel de formar e/ou comandar conhecer bem o seu discípulo. Pois, quando se trabalha com a coletividade humana, encontram-se todos os tipos de situações. Mesmo nas condições mais desfavoráveis, é preciso saber o que está envolvido nos contextos de execução de tarefas, missões, ordens ou o que o valha. O então coronel Osorio dá exemplo disso ao encontrar um dos seus desertores. Tanto o Osorio quanto o desertor se fazem de desconhecidos e, dessa forma, o comandante é apresentado à mãe do desertor, uma senhora viúva e de idade avançada, a qual lhe relata a vida de pobreza em que vivia. A mensagem para essa senhora foi:

Está bem, minha patrícia, bradou-lhe Osório, animando-a — em todo o caso tem seu filho que a auxilia, e por isso é mais feliz do que muitas, que não tem ninguém por si. Olhe, amigo, acrescentou ele estas palavras, voltando-se para o filho (o desertor). Deus lhe dê saúde e o conserve junto aos seus; e quanto ao mais, adeus, siga a minha viagem. E levantou-se para sair. (OSORIO, 1915)

O desertor em questão jamais poderia se entregar a uma outra missão, já que as circunstâncias de sua vida pessoal o direcionaram à de ser arrimo de família. Percebemos, dessa forma, no marquês do Herval, qualidades que o visconde de Ouro Preto destacava bem, ao referir que:

quer se apeasse do carro, quer entrasse num recinto, quer assomasse à porta para sair — o general Osório detinha-se um momento, firme e ereto e lançava rápido olhar escrutador em torno, começando por observar as coisas ou pessoas mais próximas e em seguida, progressivamente, tudo quanto a vista podia alcançar. Como que procurava descortinar de onde surgiria o inimigo. (OSORIO, 1915)

Cada situação era única, tanto que, em Osório, 1915, afirma-se que:

Há na fileira, como em toda a parte, homens ardilosos que, por conveniência própria ou perversidade, imaginam e praticam astúcias quase inconcebíveis para delas fruir proveito; mas o hábito de lidar com os homens, desde a sua juventude, deu a Osório uma experiência, um conhecimento tão profundo das alheias argúcias e paixões, que o soldado, por mais astuto que fosse, não o enganaria. (OSORIO, 1915)

Além do acurado senso de observação, o marquês do Herval sempre deu mostras de

que seu ato de comandar estava sustentado pela lide direta com os subordinados e com o conhecimento que possuía de todas as situações vivenciadas pelos homens que estavam sob seu comando. Nesse aspecto, o alferes Francisco de Assis Trajano de Menezes, ajudante de campo do general Osório, não se eximiu de reconhecer no seu superior as inúmeras qualidades, afirmando que, no momento em que o

general Osório percorria o acampamento, era recebido como Pai extremoso que abençoava a família, incutindo a resignação no sofrer, a esperança no porvir” (In: Osório, 1915, p. 100).

Desse contexto, depreendemos, então, que, para comandar, é preciso conhecer. Nesse conhecer, está o mais amplo sentido de desvendamento do indivíduo, do momento e das situações envolvidas na relação entre quem comanda e quem é comandado.

Prosseguindo em nosso estudo, verificamos que surge o “caminho” a indicar. Esse caminho, via de regra, não é fácil, pois afinal toda conquista humana se estriba na superação de problemas e, por consequência, na aprendizagem obtida com práticas exaustivas, quer sejam nos estudos, quer sejam nos trabalhos que executamos.

Isso não significa que esse caminho não possa ser amenizado de alguma maneira. Para exemplificar, recorreremos à pior situação, a da guerra, e encontramos mais uma vez, nas ações de Osório, as atitudes acertadas. Pois esse previdente militar dava ao subordinado uma atenção grandiosa, tanto que

Sair em comissão debaixo de suas ordens era coisa que alegrava o soldado, porque sabia este que não lhe faltava a afabilidade e o bom tratamento do chefe. De que Osorio, ao acampar, primeiramente cuidava era da comodidade da tropa e depois tratava da sua. (In: Osorio, 1915, p. 90)

e que, também, “não poupou esforços e nem sacrifícios para ter o Exército sempre provido dos necessários meios de mobilidade”, o que representou, na época, que a cavalaria, a artilharia e os transportes estivessem providos de cavalos, bestas e bois em excelente estado de marchar, segundo os relatos do tenente Manoel Jacintho Osorio (In: Osorio, 1915, p. 193).

No entanto, a dureza do caminho, por vezes, precisava ser sustentada e, para tal, segundo o tenente-coronel E. C. Jourdan, em sua obra *História das campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai*, declara que Osorio: “Não raras vezes mandava à noite o seu clarim tocar sentido com a intenção de conservar na tropa o hábito da vigilância e da presteza em acudir às armas” (In: Osorio, 1915, p. 197).

Ao fazermos um paralelo com a educação que a família deve dar aos filhos, constatamos, sempre, a necessidade de apoio que as crianças e os adolescentes possuem. Portanto, em uma organização familiar ou em uma estrutura social, a nosso ver, as individualidades precisam se ajustar para que haja equilíbrio. Não existe a possibilidade de se fazer o que quiser na hora que bem entender. Os autores Kenji Iizuka & Hatsue Iizuka (2013) afirmam que

para uma boa educação, não basta teoria com bons livros e boas escolas, viagens em hotéis de luxo. Carro novo e fartura de brinquedos. [...] Tudo isso é artificial e superficial. Cria vácuo moral e espiritual.

Há de se considerar que o caminho não é, no caso de formação de um jovem, o que sonham os pais e/ou outros familiares; o caminho é fruto, muitas vezes, das curiosidades pueris, as quais poderão concretizar-se nas lides da vida profissional do indivíduo ou em aprendizados úteis e afastadores das rotas erradas, principalmente, nos dias atuais, em que a existência humana é cercada de violência, drogas e criminalidade. Naturalmente que cada época apresenta circunstâncias específicas, mas outra vez encontramos, em Osorio menino, ações que merecem destaque. O doutor Antonio Eleutherio de Camargo em seus *Apontamentos para a história do Ilmo. e Exmo. Sr. tenente-general marquês do Herval* (In: Osorio, 1915, p. 124), descreve:

Desde os seus mais verdes anos, revelou Manoel Luis Osorio extraordinária vivacidade, mostrando a agudeza d'espírito que acompanhava sua grande inteligência. Um dos caracteres mais distintivos das tendências de seu espírito, foi na sua infância a análise investigadora de tudo quanto ouvia e via fazer. Nos trabalhos de lavoura de seus parentes, observava com a mais profunda atenção o modo como, manejados os instrumentos, produziam o maior resultado, e, sem poder conter-se, sempre que podia, ia fazer nas roças, sozinho o que via fazer pelos trabalhadores, procurando avantajarse a estes pelo resultado do seu trabalho. Um engenho, por exemplo, parado ou funcionando, era para o menino Manoel Luis objeto da mais viva curiosidade e atenção: o modo de combinar as peças, o sistema de ligação do todo, como se transmitia o movimento à máquina pela força motora, tudo isso desejava compreender a fundo e saber pelas explicações da ciência. Mais de uma vez foi visto, com susto de seus parentes, o jovem Manoel Luis trepado em cima de

uma roda de engenho entre os seus raios, ou detido sobre outra qualquer das suas peças, em exame silencioso e contemplativo. (OSORIO, 1915)

Não devemos matar, no menino, a curiosidade, a imaginação, a criatividade, mas esse menino deve ser levado à reflexão. Conforme Kenji Iizuka & Hatsue Iizuka (2013): “Sempre que conjugar o verbo ‘querer’, deve aliar os verbos ‘dever’ e ‘poder’”. Para os mesmos autores (2013): “O adolescente sempre precisa da ajuda dos pais, para aprender a desenvolver as responsabilidades e as virtudes”.

E, assim, chegamos à nossa última linha mestra: “o dever”.

Quando o capitão reformado João Pedro Pereira de Carvalho assentou praça no 2º Regimento, o coronel Osorio o aconselhou: “O soldado deve sempre ter na mente as leis militares, para não incorrer em faltas, para conhecer seus deveres e saber até onde vai o seu direito” (In Osorio, 1915, p. 100).

Toda pessoa bem formada sabe do cumprimento de seus deveres. Livres e cientes dos deveres, os cidadãos são responsáveis pela justiça, pela harmonia e pelo equilíbrio do ambiente em que vivem e atuam. Nesse sentido, encontramos o primeiro instrumento internacional de direitos humanos de natureza geral, a *Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem*, que, na parte do preâmbulo, diz que:

Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, como são dotados pela natureza de razão e consciência, devem proceder fraternalmente uns para com os outros.

O cumprimento do dever de cada um é exigência do direito de todos. Direitos e deve-

res integram-se correlativamente em toda a atividade social e política do homem. Se os direitos exaltam a liberdade individual, os deveres exprimem a dignidade dessa liberdade. Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem.⁴

Verificamos assim que, tanto nas palavras de Osorio pronunciadas ao então soldado João Pedro Pereira de Carvalho, quanto no que consta no preâmbulo da *Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem*, existe a associação do “dever” com o “direito”. E, entre elas está o “homem livre”.

Um tributo a outro grande herói

No contexto da Guerra da Tríplice Aliança, a Batalha do Tuiuti assume um marco significativo por ser a maior batalha campal da América do Sul. Essa batalha acabou com a capacidade ofensiva e tática do Paraguai e expressa, mais uma vez, a sabedoria do general Osorio ao escolher o brigadeiro Sampaio.

Sampaio, desde o início de sua vida militar, demonstrou valores inigualáveis. Exemplo disso foi sua atuação no conhecido Encontro de Icó, oportunidade em que lutou contra a rebelião que se opunha à abdicação de D. Pedro I. Nessa época, esse grande líder militar contava com apenas 22 anos de idade. Era apenas o começo de inúmeras batalhas, das quais seria o protagonista vencedor. Mais tarde, é à frente da 3ª Divisão, a Divisão Encouraçada, que Sampaio detém várias vagas de assalto inimigas paraguaias, é a sangrenta Guerra do Paraguai, mais especificamente, a Batalha do Tuiuti.

Nesse assalto, não foram fáceis os rumos dos soldados, pois em terreno pantanoso,

os esquadrões paraguaios, em um momento valem-se de uma brecha aberta na frente argentina e investem contra ela, mas a Encouraçada, por meio de seus infantes, conforme Daróz (2010), resistem ao violento embate sem ceder um palmo. Sampaio, no entanto, é ferido duas vezes, em uma delas com gravidade. Mesmo ferido, esse grande militar, que sempre estava à frente dos soldados, oferecendo-lhes o mais verdadeiro dos exemplos e servindo-lhes de fonte encorajadora, ainda pensa na missão mais do que em si mesmo, pois envia uma mensagem ao seu comandante, nos seguintes termos, conforme Junior, 2015:

Diga ao General que estou cumprindo meu dever, mas como já recebi dois ferimentos e estou perdendo muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir.

Essa atitude faz com que nos apropriemos das palavras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche⁸: "quando a Pátria nos chama, nossas almas esquecem-se de si mesmas; ao seu apelo sagrado, o patriota é incitado à bravura e levado ao heroísmo". Esse foi e sempre será o Brigadeiro Sampaio.

Esse grande chefe militar, conforme Bento, 2010:

Comandou a 3ª Divisão desde março de 1865, em Montevidéu e constituído de duas Brigadas.

A 5ª Brigada constituída do 4º, 6º e 12º Batalhões de Infantaria e mais a 8ª Brigada integrada pelos 8º e 16º Batalhões de Infantaria e o 10º Batalhão de Voluntários da Pátria.

E marchando para o Paraguai, segundo o cronista Dionísio Cerqueira, patrono de Cadeira da AHIMTB e que comandou o Casarão da Várzea como coronel em 1891:

O Brigadeiro Sampaio não dava descanso aos seus batalhões. Era rigoroso e exigente, dava exercícios uma a duas vezes por dia a seus batalhões. Pois sentia que era preciso instruir seus soldados bisonhos, mas de boa vontade, animados pelo amor à Pátria, os fazendo praticar façanhas imortais.

Mal sua Divisão, depois de marcha penosa chegava a um acampamento, ouvia-se o toque "Para quem quiser" por Sampaio ordenado. Em seguida saíam os belos batalhões de Sampaio garbosos e elegantes, ora realizando manobras, ora entendendo linhas de atiradores, tudo executado a toques de cornetas.

O Corpo de Voluntários da Pátria de sua Divisão já rivaliza seu desempenho com os soldados grisalhos do Exército, trazendo no peito as medalhas de Monte Caseros na Guerra contra Oribe e Rosas há treze anos passados. (BENTO, 2010)

Nesse sentido, ainda nos reportando ao texto de Bento, 2010, o qual expõe as palavras do coronel de cavalaria José Lima Figueiredo, aproveitamos a oportunidade para, também, evidenciá-las:

Quando o chefe é bom, a tropa colhe fartamente os louros, porém, não é lhe dado um momento de descanso, todo o trabalho difícil, áspero e perigoso é dado a ela.

O brigadeiro Sampaio é o exemplo de quem acolheu rigorosamente a missão de defender o solo brasileiro e fez com que seus subordinados entendessem, da mesma maneira, a necessidade de agir com igual determinação e coragem. Só assim é que se vence uma guerra. É dessa forma, ainda, que prevalece o grande homem.

Morto heroicamente aos 56 anos, após sublimar as virtudes militares de coragem,

bravura e determinação, o nobre infante permanece vivo na memória do Brasil, na alma do Exército e, sobretudo, nas melhores tradições da Infantaria brasileira, que ele ajudou a forjar.⁶

Não é ao acaso que, mais tarde, em homenagem, os feridos de guerra, durante a Campanha da Itália em 1945, fizeram jus à "Medalha Sangue do Brasil", pois essa condecoração lembra tudo o que o Brigadeiro marcou na história do Exército Brasileiro e na História do Brasil. Essa insígnia, em bronze, apresenta:

Anverso. Sobre as Armas da República, três estrelas em esmalte na cor vermelha, que representam os três ferimentos recebidos pelo general Sampaio, no dia 24 de maio de 1866, na Batalha de Tuiuti na Guerra do Paraguai. O conjunto é orlado por dois ramos de Pau-Brasil, que lembram a Pátria e as origens de seu nome.⁷

As três estrelas vermelhas são o sangue derramado pelo brigadeiro Sampaio, representam os três ferimentos recebidos "na data do seu aniversário, 24 de maio. [...] O primeiro, por granada, gangrenou-lhe a coxa direita; os outros dois foram nas costas"⁸.

Por tudo isso, conforme o mesmo *site*:

Homem puro e patriota, Sampaio destacava-se por ser capacitado e corajoso, inteiramente dedicado à vida militar. Exemplo de exponencial bravura, foi consagrado Patrono da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro, pelo Decreto 51.429, de 13 de março de 1962.⁹

Portanto, nada mais coerente, nesse contexto, que a Infantaria Brasileira reviva os feitos da Batalha do Tuiuti, assim como os re-

vivam todos os demais irmãos de farda, responsáveis por, também de alguma forma, levar às gerações futuras, civis e militares, a mensagem e o exemplo de vida do brigadeiro Sampaio:

Soldados rastejavam, me seguiam; baionetas cruzavam, tiniam, espetando a morte, furando o vento; várias vezes fui ferido, levantei, prossegui, mas um dia fiquei caído, nos campos de Tuiuti. Era maio, mesmo dia em que nasci, parti, mas não morri, porque a morte, por mais que tente, por mais que dura, valente, não mata nunca a audácia, a bravura, a vida... um infante.¹⁰

Assim, tomamos para nós a mensagem que, diante de qualquer adversidade — as comuns batalhas do cotidiano —, não sejam empecilhos porque temos a saudável audácia do enfrentamento, a necessária bravura para lutar e a vida para, se necessário entregar, mas só após a batalha vencida.

Conclusão

Toda sociedade apresenta líderes, pessoas de destaque e indivíduos marcados pelo sucesso obtido na realização de algum feito. Na execução dos grandes trabalhos, muitas vezes, o reconhecimento imediato não é atingido. Assim, foi, por exemplo, com Luís Vaz de Camões, que, com certeza, não contava com discípulos, porque se os tivesse, seriam inveterados admiradores.

Mais do que admiração, o brigadeiro Sampaio — retrato vitorioso da batalha do Tuiuti — tem, nos infantes, a merecida devoção, pois é, por meio dos feitos desse patrono, que a Infantaria revigora a tenacidade, a bravura, a coragem, a liderança e o patriotismo. Da mesma forma, todos os demais civis

e militares que, da História da Nação, sabem encontrar os verdadeiros exemplos de vida.

O marechal Osorio, da mesma forma admirado, foi amado e idolatrado pelos seus subordinados e pelo povo brasileiro e continua, hoje, gozando da mesma consideração prestada por todos aqueles que sabem de sua história e de sua servidão à Pátria. Todos os que conviveram com a pessoa do marechal Osorio puderam extrair desse grande militar os exemplos de modéstia, de generosidade e de caráter prestativo. O trabalho desse líder, diferente do realizado pelo escritor português, foi direto com os soldados e, dessa forma, no trato diário, inspirou os mais jovens a lutar pelos mesmos ideais que possuía.

Os soldados entendiam, nas ordens emanadas pelo grande chefe, a necessidade de uma conduta disciplinada, da obediência às normas e do fiel cumprimento das obri-

gações. Confiavam no caminho traçado pelo comandante, por isso seguiam as instruções dele emanadas. Não se sentiam desamparados, porque o líder militar estava junto com eles e, não raro, cuidava antes da comodidade da tropa do que da sua própria. A maneira de comandar do marechal Osorio sempre foi enérgica, no entanto afinada pela brandura.

É dessa forma que acreditamos que a vida e as atitudes do marquês do Herval devem servir de modelo àqueles que instruem, formam e educam pessoas, livres, pela própria condição racional que possuem, mas carentes de um guia forte nas ações, brando no trato, justo na totalidade.

Nessa mesma linha de retidão e servidão à Pátria, estão e sempre deverão estar todos os líderes militares do passado e do hoje, que dão exemplos a seus subordinados. ■

Referências

ALMEIDA, Gen Antônio da Rocha. GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. Patrono da Infantaria Brasileira – Brigadeiro Antônio de Sampaio. In: O Gaúcho – Órgão de divulgação das atividades do Instituto de História e tradições do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<http://ahimth.org.br/ogauchoo/O%20Ga%C3%Bacho%2093.pdf>>. Acesso em 09/6/2016.

BENTO, Cláudio Moreira. *O Brigadeiro Antônio de Sampaio na Guerra da Tríplice Aliança 1865-1970*. Disponível em: <<http://www.militar.com.br/artigo-1288-O-BRIGADEIRO-ANTONIO-DE-SAMPAIO-NA-GUERRA-DA-TRIDPLICE-LIANCA87A-1865-1970#.VIqIkeS-NvY>>. Acesso em 09/6/016.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <<http://www.cidh.oas.org>>. Acesso em 30/05/2016.

DARÓZ, CARLOS. Personagens da História Militar – Brigadeiro Antônio de Sampaio. Disponível em: <<http://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br/2010/05/personagens-da-historia-brigadeiro.html>>. Acesso em 09/6/2016.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Crimes e punições na Guerra do Paraguai (1864-1870)*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25. 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

IIZUKA, Kenji. IIZUKA, Hatsue. *Sucesso... No Extremo Oriente*. Clube dos autores. 2013.

JUNIOR, Vianney. *Liderança Militar: nas ações, os traços de um grande líder*. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/terrestre/noticia/19249/ESPECIAL-INFANTARIA-%E2%80%93Lideranca-Militar-Nas-aco-es-os-tracos-de-um-grande-lider-/>>. Acesso em 09/6/2016.

As Medalhas e Ordens Militares e Civis do Brasil: Medalha Sangue do Brasil. Disponível em: <<http://asmedalhasdobrasil.blogspot.com.br/2015/03/medalha-sangue-do-brasil.html>>. Acesso em 10/6/2016.

Patronos. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/antonio-sampaio-1>. Acesso em 10/6/2016.

OLIVEIRA, Júlio Lima Verde Campos de. *Brigadeiro Antônio de Sampaio – Herói de Tamboril-CE*. In: Revista Verde Oliva on-line. Ano XXXVIII, nº 206. Jul./ Ago./ Set. 2010. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/c/document.library/get_file?uuid=ee5e8b15-3f0d-4f3f-abf8-df58d5381263&groupId=52610>. Acesso em 10/6/2016

OSORIO, Joaquim Luis & Osorio Filho, Luis Fernando. *História do General Osorio*. Rio Grande do Sul: Typografia do Diário Popular, 1915. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227358>>. Acesso em 25/5/2016.

TREVIZANI, Luiz. *A auto-observação e o bom senso*. Disponível em: <<http://luiztrevizani.com.br/artigos/a-auto-observacao-e-o-bom-senso.php>>. Acesso em 25/5/2016.

24 de Maio - Dia da Infantaria. O bugre - Informativo Especial. 2º Batalhão de Infantaria Leve – Batalhão Martim Afonso. Disponível em: <http://www.2bil.eb.mil.br/bugre/2013/bugre_es.pdf>. Acesso em 10/6/2016.

<<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227358>>. Acesso em 25/5/2016. Grafia atualizada por nós.

<<http://causaimperial.com.br/seriedade-e-honradez-nos-homens-do-imperio/>>. Acesso em 24/5/2016.

<<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227358>>. Acesso em 25/5/2016. Grafia atualizada por nós.

<<http://www.militar.com.br/artigo-1288-O-BRIGADEIRO-ANTONIO-DE-SAMPAIO-NA-GUERRA-DA-TRIPLICE-ALIANCA87A-1865-1970#.V1qIkeS-NvY>>. Acesso em 09/6/016.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ <http://fabiohptoledo.blogspot.com.br/2008/04/o-legado-de-osorio.html>

² <http://causaimperial.com.br/seriedade-e-honradez-nos-homens-do-imperio/>

³ <http://luiztrevizani.com.br/artigos/a-auto-observacao-e-o-bom-senso.php>

⁴ <http://www.cidh.oas.org>

⁵ O Gaúcho – Órgão de divulgação das atividades do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul

⁶ http://www.eb.mil.br/c/document.library/get_file?uuid=ee5e8b15-3f0d-4f3f-abf8df58d5381263&groupId=52610.

⁷ <http://asmedalhasdobrasil.blogspot.com.br/2015/03/medalha-sangue-do-brasil.html>. Acesso em 10/6/2016.

⁸ http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/antonio-sampaio-1.

⁹ Id. *Ibid*.

¹⁰ http://www.2bil.eb.mil.br/bugre/2013/bugre_es.pdf